



A ética nos usos de “inteligência” artificial: interações, mercado e sociedade

Ethics in use of artificial “intelligence”: interactions, market, and society

Ética en el uso de la “inteligencia” artificial:
interacciones, mercado y sociedad



Ana Regina Rêgo

- Professora do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal do Piauí (PPGCOM-UFPI)
- Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ)
- Pesquisadora Associada do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict)
- Coordenadora da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD)
- Pós-Doutorado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
- E-mail: anareginarego@gmail.com



RESUMO

Este ensaio surgiu a partir de reflexões sobre os usos de "inteligência" artificial (IA) pelas plataformas digitais, cujos espaços proporcionam encontros entre produtores e consumidores, em escalas distintas do mundo concreto, visto a mineração e uso imediato e intermitente da experiência humana. O texto concentra-se também na IA generativa e seu uso progressivo em ambientes sociais e empresariais. Em um gesto crítico, acionamos pensamentos de diferentes matrizes, com vistas à proposição de diálogos desveladores dos fenômenos tecnológicos e suas interfaces.

PALAVRAS-CHAVE: ÉTICA • "INTELIGÊNCIA" ARTIFICIAL • PLATAFORMAS DIGITAIS • MERCADOS • COMUNICAÇÃO.

ABSTRACT

This essay arose from reflections on the uses of artificial "intelligence" (AI) by digital platforms, whose spaces provide encounters between producers and consumers on scales unlike those in the concrete world due to the mining and immediate and intermittent uses of human experience. It also focuses on generative AI and its progressive use in social and business environments. In a critical gesture, this study activate thoughts from different matrices to propose dialogues that unveil technological phenomena and their interfaces.

KEYWORDS: ETHICS • ARTIFICIAL "INTELLIGENCE" • DIGITAL PLATFORMS • MARKETS • COMMUNICATION.

RESUMEN

Este ensayo parte de reflexiones sobre los usos de la "inteligencia" artificial (IA) en las plataformas digitales, cuyos espacios propician encuentros entre los productores y los consumidores, en diferentes ámbitos del mundo concreto, dada la minería y el uso inmediato e intermitente de la experiencia humana. Este texto también se centra en la IA generativa y su uso progresivo en entornos sociales y empresariales. En una perspectiva crítica, se utilizan pensamientos desde diferentes matrices para establecer diálogos que desvelen los fenómenos tecnológicos y sus interfaces.

PALABRAS CLAVE: ÉTICA • "INTELIGENCIA" ARTIFICIAL • PLATAFORMAS DIGITALES • MERCADOS • COMUNICACIÓN.



INTRODUÇÃO

Em 2023, as especulações de que a "inteligência" artificial¹ (IA) entraria no cotidiano das pessoas foram finalmente comprovadas com a chegada ao mercado do ChatGPT, da OpenAI, em sua quarta versão. Naquele momento, diversos aplicativos que já usavam "inteligência" artificial generativa passaram a ter maior visibilidade nas sociedades digitalmente incluídas.

No debate em torno da IA existem posições divergentes que apresentam as múltiplas faces do fenômeno. No ambiente mercadológico, a perspectiva adotada por parte dos empresários e cientistas que aí atuam é, em sua maioria, otimista e propagada como de grandes inovações tecnológicas e sociais, capazes, inclusive, de reverter o gráfico da fome no mundo² ou acabar com a crise climática, por exemplo³. Já no ambiente científico e acadêmico das humanidades, raros são os que vislumbram a "inteligência" artificial como um novo componente completamente positivo.

Nesse sentido, faz-se necessário, inicialmente, trazer para o centro das discussões em torno da "inteligência" artificial o que existe na arquitetura interior das plataformas digitais e que estrutura os modelos de negócios de cada uma delas, mas que se esconde na opacidade de seus "rios" subterrâneos, onde a transparência tão propagada e vendida como essencial não parece ter lugar privilegiado.

Na estrutura opaca das plataformas digitais, a IA, virtualmente "corporificada", a princípio, em bots⁴, alimentados e treinados por humanos numa escala global operacional e exploratória da mão de obra, já estava entre nós há mais de duas décadas, em um aprimoramento constante, como peça-chave de um capitalismo de vigilância (Zuboff, 2020) e de um neocolonialismo de dados (Couldry; Mejias, 2019).

Este ensaio surge de reflexões afloradas no contexto de pesquisas⁵ sobre plataformas digitais como lócus potencializador do fenômeno da desinformação, que nos revelaram as consequências dos usos e impactos da "inteligência" artificial por parte das plataformas, cujos espaços sociais digitais proporcionam o encontro entre mercados produtores e consumidores, em escalas distintas do mundo concreto, tendo em vista a captura, mineração e uso imediato e intermitente da experiência humana transformada em dados. A ideia é trazer para o debate, em um gesto crítico, questões éticas intervenientes na lógica de um mercado em que o humano não somente produz ou consome, mas é, principalmente, consumido e levado a consumir mais e mais.

Considerando a insurgência do uso da IA generativa por parte do mundo empresarial e com grande incidência nas atividades de comunicação e informação, procuramos focar o nosso texto também nesse ponto, haja vista a velocidade com que tais modelos de linguagem generativos foram aceitos nas sociedades.

1 Utilizaremos a palavra inteligência (ao lado de artificial) entre aspas para designar a nossa compreensão de que se trata de um conjunto de tecnologias computacionais que envolvem redes neurais artificiais, algoritmos e sistemas de aprendizado de máquina (*Machine Learning*) e/ou aprendizado profundo (*Deep Learning*), que tenta simular o cérebro humano, com vistas a solucionar problemas mais rapidamente.

2 De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 780 milhões de pessoas vivem sob condições de insegurança alimentar grave em todo o mundo (ONU, 2023).

3 Naomi Klein (2023) denomina as declarações de empresários da tecnologia sobre solucionar problemas, como a fome mundial, de alucinações, não da IA em si, mas de seus criadores.

4 São programas de softwares que executam tarefas automáticas, repetitivas e pré-definidas.

5 Financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



A AUSÊNCIA DE UMA ÉTICA PÚBLICA E SOCIAL NA OPACIDADE DAS PLATAFORMAS

A ética da complexidade defendida por Morin (2005d) tem como foco a interdependência e a multidimensionalidade dos fenômenos e sua interconexão com as ações humanas, suas relações e suas consequências. A responsabilidade tem nesse contexto, um papel primordial no que Morin denomina de humanismo integral, em que ser, sociedade e meio ambiente se conjugam na promoção de um desenvolvimento humano. Morin (2005c) propõe um humanismo ético capaz de tomar decisões que privilegiem os direitos da coletividade e o respeito às outricidades. Em sua perspectiva, a ética tanto deve ser planetária quanto solidária, uma vez que o destino social do humano deve ser comum a todas e todos que habitam o planeta e, portanto, a ética atravessaria os interesses privados, governamentais e mercadológicos com vistas a estabelecer a paz, a justiça social e a sustentabilidade ambiental. Entretanto, a ética encontra-se em crise, uma vez que as instituições que manifestam e se revestem de uma narrativa ética estão em crise e em suspeição social (Morin, 2005d).

Vale lembrar que, para Morin (2005d), a ética está intrinsecamente relacionada ao senso de comunidade e à potência do *religere*, que extrapola o sentido religioso e se estabelece na relação entre indivíduo e sociedade. A ética, por esse prisma, reflete a interdependência entre as ações individuais e coletivas, envolvendo uma construção comunitária com base em valores de cooperação e empatia, em que o apoio mútuo é a base para o bem comum.

Vale destacar que ética e moral em Morin (2005d) estão intrinsecamente ligadas, tensionando e conformando tanto o pensamento ético que guia as sociedades, quanto as ações morais dos indivíduos que as compõem. A complexidade que aí reside não permite a separação entre ambos; são, portanto, duas faces de uma mesma moeda. Assim, utilizamos

[...] "ética" para designar um ponto de vista supra ou meta-individual; "moral" para situar-nos no nível da decisão e da ação dos indivíduos. Mas a moral individual depende implícita ou explicitamente de uma ética. Esta se resseca e esvazia sem as morais individuais. (Morin, 2005d, p. 15)

O paradigma da complexidade de Morin (2005a; 2005b; 2005c; 2005d) envolve, ainda, duas questões importantes em nosso contexto neste artigo, tendo em vista o ponto de convergência entre plataformas digitais, "inteligência" artificial e o fenômeno da desinformação. De um lado a sustentabilidade ambiental, que tem como vieses comunitários tanto a preservação como a solidariedade. Em outro ponto, localizamos no pensamento complexo a potência da democracia, que aciona a necessidade de consensos em prol do bem-estar da maioria indivíduos e que, na perspectiva de Rêgo e Barbosa (2020), é o regime político que tem como intencionalidade a inclusão permanente dos que estão à margem da vida em sociedade na estrutura democrática de direitos, por meio da constante atualização de políticas públicas inclusivas.

No que concerne à sustentabilidade ambiental, temos visto o crescimento constante da desinformação sobre o meio ambiente. No Brasil, a pauta concernente à Amazônia se transformou numa grande disputa de narrativas⁶, em que cientistas e ambientalistas são contestados por uma verdadeira enxurrada de desinformação.

Já o acionamento concernente à democracia também nos é vital, considerando as interveniências das estruturas tecnomercadológicas que têm privilegiado conteúdos que têm grande potencial para viralizar e que são facilmente vendidos aos usuários nas redes sociais digitais. Tais conteúdos, em grande medida, como demonstram algumas pesquisas (Dizikes, 2018; Rêgo, 2020; Rêgo; Leal, 2023) têm componentes de ódio e/ou desinformação em diversos níveis, o que provoca um maior

⁶ Que têm lugar no mercado de sentidos, em que o que está em jogo são os regimes de verdade.



engajamento e tem como consequência a manipulação das opiniões e a intervenção nos processos eleitorais em muitos países no mundo ocidental, além da manutenção de estruturas de poder não democráticas.

Em janeiro de 2024, o Fórum Econômico Mundial (World Economic Forum, WEF na sigla em inglês) divulgou o *Global risks report 2024*, que procura destacar os principais riscos que a humanidade possa enfrentar nos próximos dez anos, considerando as transformações tecnológicas, as incertezas econômicas e a situação ambiental do planeta, além das guerras e conflitos. Na edição deste ano, a desinformação surge na opinião de cerca de 1.400 especialistas ouvidos pelo WEF como um dos maiores riscos para a humanidade, sobretudo considerando o contexto de incremento do uso de "inteligências" artificiais, que passaram a ser utilizadas na criação e fruição de narrativas contendo desinformação e ódio, podendo, desse modo, tanto influir nos destinos das nações como provocar violência física, inclusive em ações coletivas.

Diferentemente das esperanças de Morin (2000), que, ao diagnosticar a crise da ética em escala global e estudar a trajetória da construção do conhecimento, acreditava na possibilidade de insurgência de uma nova racionalidade ética, o que estamos visualizando no modelo tecnomercadológico vigente e pautado na plataformização da vida é exatamente o exacerbar de uma razão prática (Kant, 1997), mas infelizmente não pautada em uma ética, e cujo objetivo precípua é o lucro, em detrimento do cidadão, agora usuário que é tão somente um depósito de experiências e memórias, facilmente extraídas e comercializadas diuturnamente.

Rêgo (2021) destaca os pilares que compõem a economia da ação (Zuboff, 2020) atuante na estrutura interna das plataformas digitais e que procuram mobilizar estratégias de atração dos usuários, sejam pessoas, empresas, coletivos ou governos, com vistas à manutenção intermitente de sua atenção nas redes sociais digitais e em qualquer plataforma digital em que se aventurem.

A economia da ação é, portanto, um pilar decisivo na arquitetura algorítmica mercadológica das plataformas digitais, sendo um ponto de inflexão e articulação de fluxos do que Zuboff (2020) denomina de capital de predição comportamental, que é vendido intempestivamente pelas plataformas aos anunciantes. Como forma de reforço da ação da arquitetura algorítmica que direciona marcas aos conteúdos que mais viralizam e monopolizam o olhar dos usuários, as plataformas adotam estratégias de recomendação direta, permitem impulsionamento e terminam monetizando os conteúdos virais. Nesse escopo, como dito anteriormente, enquadram-se a desinformação e o discurso de ódio, motivo pelo qual perfis e canais com grande incidência de narrativas com desinformação e ódio têm muitos seguidores/inscritos e mantêm um grande engajamento entre os usuários, o que lhes permite uma razoável remuneração advinda das plataformas.

A plataformização da vida em sociedade (Van Dijck et al., 2018) teve, inicialmente, como vetor de atração e consolidação os espaços conhecidos como redes sociais digitais, em que a facilitação para produção de conteúdo, promoção de visibilidade e empoderamento acontecem de forma radicalmente diferente do que acontecia na verticalidade dos meios de comunicação de massa. Para além das redes sociais, espaços virtuais de prestação de serviços vendidos por um discurso neoliberal de potência para o empreendedorismo foram se estabelecendo e ganhando forte adesão de trabalhadores e clientes na *uberização* da vida sem direitos.

Nessa grande teia tecnomercadológica, em que redes sociais se aliam às plataformas de serviços e de entretenimento, o conhecimento holístico sobre o cliente, usuário, seguidor, inscrito etc. é o principal caminho para o sucesso do empreendimento digital, que envolve empresas e as interliga às pessoas. Não basta conhecer seu nome, números de documentos, cartões de crédito, volume de recursos disponível em suas contas em bancos etc., é preciso conhecer seus sonhos, seus desejos, seus valores, suas opiniões, suas memórias, seus amores, enfim, conhecer a experiência de cada um, cujos rastros são marcados com "luz neon" pelos algoritmos que rastreiam cada experiência humana na rede mundial de computadores.



A "inteligência" artificial, que se articula na opacidade das plataformas e atua de modo não transparente, capturando e minerando a experiência humana, transformada em dados e vendida diuturnamente ao mercado de tangíveis e intangíveis, conta com gestão vertical e é alimentada por humanos explorados ao redor do globo. Essas estruturas tecnológicas algorítmicas, em ação a partir da ação humana que as alimenta, não trabalham a partir de uma ética planetária e solidária, como defendida por Morin (2005d), tampouco em uma ética racional (Kant, 1997), mas adotam uma ética de utilidade (Rêgo, 2014).

A INTERVENIÊNCIA DA "INTELIGÊNCIA" ARTIFICIAL GENERATIVA NA COMUNICAÇÃO E A NECESSIDADE DE PARÂMETROS ÉTICOS

Numa perspectiva que possibilita uma transição dialética entre a IA oculta na opacidade das plataformas e a generativa, podemos elencar fatores que vêm se potencializando e interferindo diretamente nas dimensões da vida humana, que de certo modo são apropriadas pelas possibilidades generativas de pensamento artificial. Como destaca Sadin (2018), a digitalização da consciência, que torna possível uma vida algorítmica, se reveste de um triplo caráter, a saber: ontológico, epistemológico e ético-político. Tal apropriação tem o poder de interferência nessas mesmas esferas em dimensão humana.

Para além do potencial polêmico dos acionamentos de Éric Sadin, vale pensar que a rede mundial de computadores, como um lugar de convivência ubíqua que é ao mesmo tempo espelho e vitrine de fluxos de capitais simbólicos, culturais, políticos e econômicos (Bourdieu, 1998; 2008), promove ações de desativação da memória individual e mutação das memórias coletivas, como nos diz Crary (2023a), por meio da absorção das temporalidades vividas.

A ruptura civilizatória de que nos fala Sadin (2018) tem, em nossa visão, um foco que extrapola a tecnologia a serviço da humanidade em um processo de substituição do trabalho braçal, inserindo-se no trabalho do pensamento, intervindo nas estruturas de cognição e, portanto, tem potência para nos promover ao lugar da ignorância (Burke, 2023), a partir de inúmeras possibilidades acionadas não somente pelo fenômeno da desinformação (Rêgo; Barbosa, 2020), mas a partir da inibição do pensamento enquanto lócus de potência para desenvolvimento do conhecimento.

Sadin (2018) alerta ainda para entrada do que ele denomina de regime de verdade algorítmica na crise entre os regimes de verdade, que a nosso ver se apresenta como um mote potencializador do fenômeno da desinformação, a partir do uso de IA generativas alimentadas por trabalhadores humanos ou pela captura da experiência humana disponível e minerada de modo ininterrupto em aparatos tecnológicos na internet, movidos pelas IA ocultas nas plataformas digitais.

Tudo isso nos evoca um estado de alerta sobre as informações e o conhecimento produzido a partir de agora, tendo em vista o uso intensivo do ChatGPT, da OpenAI, e outras estruturas tecnológicas generativas, como A2-OLmo⁷, o BARD⁸, BioGPT⁹, Dramatron¹⁰, além de outros modelos que podem ser desenvolvidos por cada empresa, a partir de plugins disponibilizados/vendidos pelos grandes modelos generativos das *big techs*, que são linkados para oferecer soluções para as necessidades de cada empresa, incluindo produção de conteúdo comunicacional.

7 Modelo de linguagem generativa e aberto do Allen Institute for AI, desenvolvido por cientistas para cientistas.

8 Chatbot da Alphabet/Google disponível em mais de 100 idiomas e alimentada pelo Pathways Language Model-PALM 2.

9 Transformador generativo pré-treinado para geração e mineração de texto biomédico.

10 Modelo de linguagem generativa e aberto voltado para produção de roteiros para produtos audiovisuais.



Crary (2023a) atualiza as preocupações de Innis (1950) sobre o monopólio do conhecimento, autor que em meados do século XX denunciava os sistemas de comunicação cujo caráter de centralidade na vida humana retirava o foco do local para o global, com vistas a manter o espectador preso a um conhecimento específico e emanado a partir dos meios de comunicação de massa.

Na atualidade, tal preocupação, que já vem se potencializando há algumas décadas, a partir do controle do conhecimento produzido pela humanidade nos espaços privados das plataformas digitais, torna-se maior, considerando a grande adesão social e imediata aos modelos de linguagem generativa que estão paulatinamente pavimentando um lugar e uma reputação de "autoridades epistêmicas", com potencial para competir com narrativas da ciência, da academia e do jornalismo, tendo em vista que seu lastro reputacional vem acoplado a grandes empresas de tecnologia que mantêm as ágoras sociais digitais, em que grande parte da sociedade mundial está imersa atualmente.

Nesse ínterim, as questões éticas são novamente acionadas e se iniciam pela total ausência de transparência¹¹ na alimentação e no treinamento dos modelos tecnológicos de linguagem generativa. De um lado, a captura das experiências da humanidade por meio das interligações entre os programas generativos, as redes sociais digitais, os motores de busca e todos os demais aplicativos que acionamos todos os dias (Rêgo, 2022). De outro, a alimentação e o treinamento das IA generativas, que têm complexas nuances e acarretam consequências sociais negativas.

Em grande medida, as IA (modelos pré-treinados) são alimentadas por agências com sedes no Hemisfério Sul que pagam valores irrisórios aos profissionais (*turkers*) que as alimentam. Outro fator preocupante se refere ao comum repasse para os modelos de linguagem generativa de vieses preconceituosos, que reverberam machismo, misoginia, fascismo, LGBTfobia, xenofobia, entre outros aspectos capazes tanto de gerar textos desinformativos como discurso de ódio. Essa transferência de preconceitos arraigados no contexto social é um dos principais motivos de desconfiança em relação às IA, como também de preocupação no que concerne ao potencial para gerar discurso discriminatório.

A interveniência humana no processo de alimentação das IA primitivas e generativas, bem como a não neutralidade das tecnologias que as envolvem, sinalizam a necessidade de uma ética da técnica (Sadin, 2015) que seja catalizadora da ação política e social, contestando a tecnologia como meio direcionado a uma finalidade, e se aproximando da concepção heideggeriana de técnica como comprometimento entre a criação e seu objetivo. A preocupação com a ética na tecnologia atravessa as pontuações acima, mas também ressurgiu na humanidade com o receio de uma dominação tecnológica imperialista e que provoque um enfraquecimento do pensamento, preocupação esta já manifestada por Heidegger (1977).

A NECESSIDADE DE UMA INTERFACE ÉTICA NO USO DA IA NA COMUNICAÇÃO CORPORATIVA

No campo da comunicação e, em particular, da comunicação corporativa, o mundo empresarial tem se mostrado otimista, considerando as promessas que o desenvolvimento de "inteligências" artificiais adaptadas a cada empresa pode proporcionar em termos de maior tempestividade na resposta aos clientes, assim como na produção de textos escritos e audiovisuais intermediados por modelos de linguagem generativa desenvolvidos em plataformas da Alphabet/Google ou da OpenAI¹². A ideia imediata é a adoção cada vez mais frequente dos denominados assistentes virtuais para intermediar os processos de compra com os consumidores e os problemas que possam advir daí. Há ainda uma grande ênfase e um considerável volume

¹¹ A ausência de transparência na captura de informações/experiências humanas transformadas em dados tem levado alguns países a entrarem em litígio com empresas como a OpenAI (Itália..., 2023).

¹² Em fevereiro de 2024, a OpenAI lançou o Sora, um modelo generativo pré-treinado capaz de criar imagens e vídeos a partir de textos curtos.



de investimentos direcionados para uma automação cada vez maior dos processos comunicativos no que concerne à relação com o cliente, ao ponto de muitas empresas não mais manterem centrais de atendimento ao público com interlocutores humanos. Para tanto, tem se investido em análise artificial de comportamento e sentimentos para os públicos interno e externo, que, tal como descreve Zuboff (2020), em uma escala maior trabalham para composição de um capital de predição, a ser explorado por cada corporação. Essas iniciativas, que se dão em conformidade com a economia da ação e da atenção, tem como objetivo a possibilidade de oferecer produtos e serviços customizados e estabelecer relações diretas entre cliente e empresa.

Nesse cenário de interlocução entre gestão empresarial e adoção de modelos de linguagem generativa, vislumbra-se no campo mercadológico um horizonte de expectativas (Koselleck, 2014) extremamente positivo no que concerne ao campo da comunicação corporativa, com um discurso que exalta o aumento da segurança da informação, agilidade no processamento de dados do mercado e dos clientes, tempestividade em localizar informações, versatilidade na busca de informações por meio de diversas fontes e acionamentos distintos, facilidade no desenvolvimento de ferramentas de apresentação de serviços e produtos, com acesso fácil a banco de imagens e vídeos e maior facilitação na edição e finalização das peças comunicativas corporativas, além de permitir um monitoramento da performance das equipes em tempo real, por meio da inúmeras formas de vigilância e controle das ações dos profissionais de comunicação e demais funcionários.

Todavia, se as empresas e os mercados que mantêm setores de comunicação necessários para o estabelecimento de boas relações com os *stakeholders*, incluindo clientes e sociedade, estão com expectativas positivas, vale pensar que tais expectativas envolvem redução de custos com pessoal e otimização do tempo de trabalho, que passa realmente a ser 24/7 (Crary, 2023b), considerando que modelos generativos não necessitam de descanso.

Portanto, os profissionais que trabalham nesses ambientes devem se manter alertas, considerando que a apropriação do conhecimento não acontece mais como no viés anterior, ou seja, quando nos apropriávamos das possibilidades tecnológicas para desenvolvimento das nossas atividades, já que agora existe uma via de mão dupla, tendo em vista que ao mesmo tempo em que nos apropriamos da tecnologia e nos adaptamos aos modelos de linguagem generativa artificiais, eles também estão aprendendo, não somente sobre nós, enquanto funcionários humanos com o quais estão se relacionando, mas estão capturando o nosso conhecimento, sobretudo em modelos como o Bard, que possibilita aos usuários colaborar com a IA generativa.

Como nos diz Sadin (2018), a era do *prompt* está só começando. Logo, o que se delineia para o futuro próximo é que o comando substitua o conhecimento na ação diária do ser humano. Nesse ponto, é válido nos perguntarmos: quantos humanos serão necessários para dar instruções para que as informações diárias sobre uma determinada sociedade sejam estruturadas em blocos de um "jornalismo" informativo e repassadas ao público? Falamos de jornalismo, mas tal pergunta se adequa ao comunicador corporativo e ao trabalho que desenvolve.

De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), cerca de 40% dos empregos poderão ser afetados pela ascensão da "inteligência" artificial, tendência que deverá aprofundar a desigualdade (Toh, 2024).

Para Sadin (2018), a ruptura civilizatória que se apresenta com a integração da "inteligência" artificial em nossas vidas abre vias para uma "abjeção civilizatória", pois nos distancia do pensamento, da criatividade, da potência para luta e para a política, necessárias à vida humana em sociedade.

As provocações de Sadin (2018) nos permitem abrir horizontes que incluem a necessidade de gestão ética humana (Floridi, 2021) da "inteligência" artificial, além de práticas éticas que devem abranger todo o processo de desenvolvimento de IA para o mundo da comunicação corporativa, desde a adoção de um processo transparente para alimentação e treinamento dos modelos



de linguagem generativos à possibilidade de governança humana que tenha como foco o cliente, o empregado, a cadeia produtiva envolvida e a sociedade em geral.

ILAÇÕES

Do que falamos quando nos referimos à "inteligência" artificial? Falamos de capitalismo, de um capitalismo renascido, mais explorador e injusto, mas também estamos falando de avanços tecnológicos que proporcionam comodidades para a vida e solucionam problemas cotidianos a ponto de tais tecnologias entrarem e se estabelecerem em nossas vidas e nós as assimilarmos como necessárias e intrínsecas ao dia a dia.

Entretanto, também falamos da não neutralidade da tecnologia e da adoção de uma semântica de conceitos "neutros" que procuram mascarar a real dimensão de seus significados. No meio tecnológico adota-se o vocábulo "plataformas" objetivando vender um lugar neutro, em que a produção e a circulação de conteúdos seriam somente de responsabilidade dos usuários. Leis foram feitas em vários países em determinados momentos do século XXI, eximindo a responsabilidade das plataformas, até que as teias algorítmicas que guiam o olhar do usuário e prendem sua atenção, por um lado, e, por outro, impulsionam o viralizável, influenciando os destinos do que está nas redes, foram desveladas. Além disso, há que se considerar que a adoção de termos como "nuvens", que remetem a algo límpido e benéfico, capaz de gerar vida com a precipitação das chuvas, coloca-se nesse contexto como mais um conceito deslocado e intencionalmente acionado para encobrir que as nuvens de dados são grandes *data centers* que utilizam uma grande quantidade de recursos naturais. Os dados, por sua vez, também vendidos como informações neutras, são códigos que guardam experiências humanas, incluindo preconceitos.

Por fim, a "inteligência" artificial, em torno da qual há um grande debate acadêmico e filosófico, vem como um acionamento que interliga o discurso ao ser por meio da representação da maior característica da humanidade, a potência para o pensamento e para construção do conhecimento. Contudo, mesmo que Geoffrey Hinton (2023), um dos criadores do algoritmo na década de 1980, e que hoje denuncia tais modelos, seja enfático ao afirmar que os modelos generativos são mais potentes que o cérebro humano, neste momento histórico nos posicionamos como faz Chomsky (2023) ao destacar o diferencial da mente humana, que trabalha não pelo provável ou pelo padrão de ações e condutas, mas em busca do improvável, pois é isso que nos leva à ciência. Chomsky (2023) ainda nos chama atenção para a interface moral do pensamento humano. Nesse ponto, enfatiza o autor, o ChatGPT precisa não somente apresentar soluções inovadoras, mas ter uma conduta ética. Entretanto, tal conduta depende da governança humana.

Em outra perspectiva, há que se ter em mente, e com grande ênfase, a complexidade que envolve a manutenção de estruturas tecnomercadológicas dentro da rede mundial de computadores, que consomem grandes quantidades de energia e de água. De acordo com pesquisa realizada na Riverside University-California, por pesquisadores do Bourns College of Engineering, os *data centers* do Google nos Estados Unidos consumiram cerca de 12,7 bilhões de litros de água doce em 2021, somente para manter seus servidores resfriados. Já um treinamento de aproximadamente duas semanas para o programa GPT-3 AI nos *data centers* de última geração da Microsoft, também nos Estados Unidos, consumiu cerca de 700.000 litros de água doce (Pengfei et al., 2023).

Logo, se, por um lado, a "inteligência" artificial pode facilitar a nossa vida a partir das milhares de aplicações que usamos diariamente para realizar tarefas simples do nosso dia a dia, por outro a preocupação com o encolhimento da oferta de empregos, o desaparecimento de profissões, dentre outras, se somam a um futuro sem a esperança agostiniana, com intervenção no destino das nações pela desinformação, com o agravamento das guerras e violências, com a potencialização de ações predatórias no antropoceno, levando a sérias consequências ambientais para o planeta e para a humanidade.



Todas essas questões remetem a paradoxos éticos que acometem a humanidade, nem sempre consultada sobre a "escolha" tecnológica que é levada a consumir.

A pesquisa *Trust in Artificial Intelligence: A global study 2023*, realizada pela University of Queensland-Australia, revelou que cerca de 73% dos entrevistados em vários países relataram sentir-se preocupados com os riscos potenciais da IA. Esses riscos incluem segurança cibernética e violações de privacidade, manipulação e uso prejudicial da tecnologia, perda de empregos e desqualificação, falha do sistema, erosão dos direitos humanos e informações imprecisas.

O caminho ao certo não é se contrapor às tecnologias que chegam numa velocidade cada vez maior, mas procurar alternativas viáveis de diálogo e negociação com tais estruturas tecnomercadológicas por meio da regulação¹³ e do desenvolvimento de plataformas digitais alternativas e nacionais (Morozov, 2023) que possam fazer frente às *big Techs*, que se colocam no cenário geopolítico mundial como para-estados (Bratton, 2016).

Vale pensar que, para além de um mundo distópico que se anuncia para muitos, ou utópico para outros, o futuro não é um sonho que se concretiza sozinho, mas necessita ser trabalhado e negociado no tempo da visão/ação, como nos diz Santo Agostinho (2015). Pensar sobre o desenvolvimento e usos possíveis para a "inteligência" artificial no meio comunicativo reverbera os anseios que atravessam os demais usos massivos em sociedade e, portanto, requer adoção de princípios éticos que representem o respeito social a partir de um ambiente tecnomercadológico que esteja a serviço da sociedade, e não o contrário.

REFERÊNCIAS

RÊGO, Ana Regina; BARBOSA, Marialva. *A construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2020.

RÊGO, Ana Regina. Novas configurações do capitalismo, economia e colonialismo como locus da desinformação. *Revista Democracia e Direitos Fundamentais*, Porto Alegre, 26 out. 2021. Disponível em: <https://direitosfundamentais.org.br/novas-configuracoes-do-capitalismo-economia-e-colonialismo-como-locus-da-desinformacao/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

RÊGO, Ana Regina. A experiência da Google como panóptico. *Revista Fronteiras*, São Leopoldo, v. 24, n. 3, p. 98-108, 2022.

RÊGO, Ana Regina; LEAL, Ranielle. Desinformação sobre vacinas em plataformas digitais: um movimento simbiótico em torno da lucratividade. *JCOM AL*, Trieste, v. 6, n. 1, p.1-11, 2023.

RÊGO, Ana Regina. *Política cultural e mercado*. Lisboa: Media XXI, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

¹³ No Brasil, o Projeto de Lei n. 2338/2023 tem como objeto a regulação do desenvolvimento e uso da "inteligência" artificial. Quando concluímos este texto, o PL referido ainda estava em tramitação inicial no Congresso, embora seu proponente e presidente do Senado, senador Rodrigo Pacheco (PSD), tenha se manifestado sobre a urgência em aprová-lo.



BRATTON, Benjamin H. *The stack: on software and sovereignty*. Massachusetts: MIT, 2016.

BURKE, Peter. *Ignorância: uma história global*. São Paulo: Vestígio, 2023.

CRARY, Jonathan. *Terra arrasada: além da Era Digital, rumo a um mundo pós-capitalista*. São Paulo: Ubu, 2023a.

CRARY, Jonathan. *24/7: capitalism tardio e o fim do sono*. São Paulo: Ubu, 2023b.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. *The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Standford: Stanford University Press, 2019.

DIZIKES, Peter. Study: On Twitter, false news travels faster than true stories. *MIT News*, Massachusetts, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://news.mit.edu/2018/study-twitter-false-news-travels-faster-true-stories-0308>. Acesso em: 5 nov. 2022

FLORIDI, Luciano (ed.). *Ethics, governance, and policies in artificial intelligence*. Berlim: Springer, 2021.

HEIDEGGER, Martin. *The question concerning technology and other essays*. New York: Harper Perennial, 1977.

HINTON, Geoffrey. "Se existe alguma maneira de controlar a inteligência artificial, devemos descobri-la antes que seja tarde demais". [Entrevista cedida a] Manuel G. Pascoal. *Instituto Humanitas Unisinos*, [online], 9 maio 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/628477-se-existe-alguma-maneira-de-controlar-a-inteligencia-artificial-devemos-descobri-la-antes-que-seja-tarde-demais-entrevista-com-geoffrey-hinton>. Acesso em: 1 dez. 2023.

INNIS, Harold A. *Empire and communication*. Oxford: Clarendon, 1950.

ITÁLIA decide banir robô de conversas ChatGPT do país; entenda. *Uol*, Roma, 31 mar. 2023. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2023/03/31/italia-decide-banir-robo-de-conversas-chatgpt-do-pais-entenda.htm>. Acesso em: 23 abr. 2024.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Edições 70, 1997.

KLEIN, Naomi. Máquinas de IA não são "alucinantes". Mas seus criadores são. *Instituto Humanitas Unisinos*, [online], 11 maio 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/628575-maquinas-de-ia-nao-sao-alucinantes-mas-seus-criadores-sao-artigo-de-naomi-klein>. Acesso em: 20 out. 2023.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, Edgar. *O método 2: a vida da vida*. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

MORIN, Edgar. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2005c.



MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005d.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2023.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Dia Mundial da Alimentação busca soluções para 780 milhões de pessoas em crise. *ONU News*, [online], 16 out. 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/10/1821777>. Acesso em: 22 nov. 2023.

PENGFEI, Li et al. *Making AI less "thirsty": uncovering and addressing the secret water footprint of ai models*. Bourns College of Engineering, Riverside University, California. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2304.03271>. Acesso em: 18 dez. 2023.

SADIN, Éric. *La vie algorithmique: critique de la raison numérique*. Paris: Éditions L'Échappée, 2015.

SADIN, Éric. *La humanidad aumentada: la administración digital del mundo*. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Petrópolis: Vozes, 2015.

TOH, Michelle. "Jobs may disappear": nearly 40% of global employment could be disrupted by AI, IMF says. *CNN Business*, [online], 15 jan. 2024. Disponível em: https://edition.cnn.com/2024/01/15/tech/imf-global-employment-risk-ai-intl-hnk?cid=ios_app. Acesso em: 15 jan. 2024.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. *The platform society: public values in a connective world*. New York: Oxford University Press, 2018.

WEF – WORLD ECONOMIC FORUM. *The global risks report 2024: insight report*. 19. ed. Geneva: WEF, 2024. Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_The_Global_Risks_Report_2024.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Artigo recebido em 15.01.2024 e aprovado em 23.02.2024